

Quando eu fui ao Mato

Acácio Aydar

Diagramação / Capa:

Maurício Iamarino Marchezin

maumau74@gmail.com

Impressão:

Ferrari Editora e Artes Gráficas

www.ferrariweb.com

ferrari@ferrariweb.com

Índice

Dedicatória e Apresentações.....7

O Autor de “Quando eu fui ao Mato”9

Apresentação (O autor).....11

Apresentação (O Mato).....13

Contos Verdadeiros.....17

A Receita para Bacalhau.....19

Jacaré Apoitado.....22

Lingüiça de Capivara.....25

O Perigo Ecológico.....28

O Pescador Caçador.....30

Paca, Tatu, Cotia não!.....33

Crônicas da Família.....37

A madrinha vai matar um capado.....39

Eu quero ir primeiro.....44

O menino que não gostava de Jabuticaba.....48

Marrocos.....50

Natal.....54

Pai.....57

Teoria do Chip.....59

Crônicas de uma Cidade.....61

A Arquibancada do Sucesso.....63

A Cidade Fértil.....65

A Garrafa.....67

A Memória da Taturana.....	70
A Morte da Árvore Cobra.....	72
A Sombra da Sete Copas.....	74
Churrasquinho de Gato.....	76
Mata-Burros Urbanos.....	78
Na “Beira do Corgo”	80
O Garfo Comunitário.....	82
O Malabarista da Madrugada.....	85
O Mercador de Ilusões Entrega Esperança.....	87
O Perfume da Dama da Noite.....	89
O Picadão é o Fim da Picada.....	91
O Quentão da Pompilha.....	93
O Sonho do Picadão.....	96
Por onde andarás o Mineirinho?.....	98
São Paulo – Goiás.....	100
Taturana, a Solução Política.....	102
Viola.....	104
Xarope Simples.....	106

Pitacos na Família.....109

A verdadeira história do Acácio Verdadeiro.....	111
Esse é meu Padrinho!.....	114
O Rei da Poupança.....	116
O Sonho, O Amor Coragem e o Não.....	120

Receitas.....127

Arroz e Feijão com Oliva.....	129
Café da Manhã.....	130

Receita Para Um Ano Feliz.....	131
Tomates Maduros Fritos.....	132

Poemas.....133

A Dama Primeira.....	135
Nida.....	136
Conheço-te.....	137
Minha Santa Protetora.....	138
Nida.....	139
O Pioneiro.....	140
O Motor do Incentivo.....	141
O Pistonista.....	142
O Porta Retrato.....	143
O Soar das Trombetas.....	144
Poema para um Grande Amor.....	146
Ser Avô Internacional.....	148
Uma Mulher Diferente.....	149

Até isso Falaram.....151

João Barbeiro.....	153
Lacto-Purga.....	154
Na Festa da Laranja.....	155
Na Manicura.....	156
Na Velha Guarda.....	157

Dedicatória e **Apresentações**

O Autor de “Quando eu fui ao Mato”

Acácio Aydar Nasceu em Olímpia, estado de São Paulo, viveu ali até seus 14 anos, estudando, trabalhando, aos 10 anos já trabalhava no comércio da cidade, como auxiliar de laboratório de uma farmácia e nas horas vagas, entregador de medicamentos. Em uma boa parte do tempo, vivido lá na bucólica Olímpia, aprendeu a ser moleque, coisa difícil hoje em dia.

Pescou, caçou passarinhos, trepou em árvores, comeu frutas sem lavar, banhou-se nos rios, etc., etc., essas coisas de moleque de interior.

Boa parte da sua vida foi passada na Light, ali fez de tudo, sempre mexendo com papéis, máquinas de escrever e pessoas, ultimamente com os famosos micros, até vir a aposentadoria.

Aí, ele voltou para Olímpia, onde resgatou lembranças, histórias e “causos” e, anotou boa parte destas lembranças e agora apresenta para vocês saberem.

Atualmente está na Praia, respirando a maresia e vivendo ali, pois ali, a sua pressão fica mais baixa. E não tem a emoção das “Mentiras” contadas pelos pescadores.

Na Praia ele também escreve, mas isso é assunto para outra ocasião.

Ele espera que gostem, como eu já gostei, e não é por ele ser meu pai, não.

Heda Sandra Aydar

Apresentação (O autor)

Durante a minha vida sempre pensei em escrever alguma coisa, mas somente quando aposentado, me aventurei em colocar no papel, poesias e crônicas do cotidiano além de pensamentos diversos.

Convidado pelo redator da Folha da Região de Olímpia, comecei a colaborar com o semanário, com tudo aquilo que me vinha à cabeça, sempre na linha de humor e respeito ao próximo.

Como a minha coluna não tinha obrigação de tecer comentários sobre um assunto específico, passei a abordar aleatoriamente os assuntos.

Um dia era um conto de pescador, lá tem muitos, outro dia dava pitacos no comercio ou em outra atividade que achasse interessante.

De tudo eu falei em Olímpia, chegou a ponto de ser parado na rua, para ser cumprimentado ou questionado.

Que situação interessante, você ser reconhecido pelo que teve a idéia de colocar no jornal.

No final desta coletânea, coloco algumas situações, não são muitas é verdade, mas foram provocadas por essa situação; Pessoas do dia a dia, questionando e principalmente querendo entender o assunto.

São interpretações reais, que espelham o pensar e a cultura do povo que se encontra no dia a dia pelas ruas.

Não chegou a ser uma notoriedade, mas eu me diverti muito com tudo isso.

Foi um período de grande atividade, de desenvolvimento da mente e reforço da cultura que já tinha adormecido dentro de mim.

Guardei os recortes de tudo que lançava no jornal agora passei a limpo e coloco para quem quiser tomar conhecimento.

Os assuntos são geralmente do interior, e para o bom entendimento, coloquei algumas notas de rodapé, para esclarecer.

Nunca tive a vontade, o interesse de publicar isso, mas minha filha tanto bateu que acabei sucumbindo.

Espero não cansá-los, com minhas ladainhas, mas se um sorriso sair de seus lábios, me sentirei recompensado.

Qualquer bronca o nome dela é Heda Sandra Aydar.

A grande geradora dessa minha vontade, a bem da verdade, desde os primeiros “causos” de pescador que escrevi, ali, ela já me incentivava.

Se devo agradecer a alguém, a coragem de colocar no papel e montar um livro, é a ela que agradeço - Hedinha para os íntimos.

Como diz o ditado popular: todo homem deve ter filhos (são três) plantar uma árvore (vixe, plantei um monte) e escrever um livro, (ele esta aqui. Tem a minha, cara não é verdade?).

Obrigado, minha filha, mesmo longe, você esta perto.

Acácio Aydar

Apresentação (O Mato)

Deixei de trabalhar, puxa!!! Que faço agora? Vou montar um negócio, uma pousada, sei lá o que?

Que fazer? Montar uma lojinha para vender eletricidade? Não pode. E era que eu sabia fazer.

Até que por caminhos tortuosos, aportei em Olímpia - SP. Cidade de minha origem, onde nasci.

Vou aproveitar e conhecer a minha Olímpia deve estar mudada. Vamos lá ver isso!

Esse aí, foi o ponto de partida, achei de comprar uma chácara.

Um terreno grande com uma casa velha nos fundos, com mais ou menos 10 mil metros.

Localizada na franja da cidade, de um lado era cidade de outro era um pasto de animais, local tranqüilo com uma casa velha de fazenda, toda corroída pelo tempo, goteiras e outras coisitas mais, próprias de casa abandonada, até morcegos tinha.

Além de formigas, gambás, lagartos e outros pequenos bichos. (isso dentro da casa).

Local tranqüilo e sossegado, como disse, com muita coisa por fazer, muita coisa mesmo!

Eu e Nida nos estalamos lá, que sufoco nada nos conformes, faltava tudo, nem planos para fazer algo em primeiro, só remendos, aqui e ali.

Nem nome tinha a dita chácara, só sabíamos que era tranqüila e transpirava uma paz imensa.

Mas... Nome não tinha, e quem necessita de nome, para ser chácara, não é verdade?

Remenda aqui, remenda ali, e vamos que vamos arrumar essa bagunça.

As visitas aparecendo e perguntando, qual é o nome da chácara?

E nada de nome.

Comprei essa chácara do Cláudio da Farmácia, farmacêutico antigo na cidade, não velho, mas farmacêutico antigo se é que me entendem.

Pessoa muito conhecida na cidade e me vendeu a chácara no estado, ou seja, “estado de abandono” isso esclarece melhor.

Ele tinha comprado uma fazenda, e abandonou a chácara.

Arrendou uns tempos, alugou outros e sempre o negocio foi piorando, imagine quando passou para esse seu amigo aqui, o estado dela.

Fiz festas, churrascos e outros bichos e sempre com dificuldades ao chamar pessoas, indicar onde era o local.

Me toquei, quando percebi que as pessoas diziam sempre “Há sei onde é, na chácara do Cláudio” e acertavam o local na certa.

E aumentei mais a minha certeza disso, quando percebi que estava sendo conhecido na cidade como “O dono da chácara do Cláudio”.

Resolvi dar nome à coisa.

O Dorival, marceneiro em frente à propriedade, gente finíssima, que me socorreu por varias vezes, quando tinha a necessidade de consertar as tranqueiras quebradas que apareciam, me orientou para colocar uma “Prancha” na entrada e esculpir um nome.

Assim as pessoas ficariam conhecendo o local, e aos poucos esqueciam do nome antigo, disse ele.

Arrumei uma tábua de dois metros por oitenta centímetros de largura por quinze de espessura.

Pedi ao “Nego Recco” para construir um grande portal, pois o local não tinha portão e após esculpir o nome da chácara, pendurei aquela beleza, ali bem na entrada.

De tanto ouvir que o local era bonito, pacato, lindo, sereno, calmo, etc., e tal, coloquei o nome de “Paraíso”.

Nesse Paraíso, vivi boa parte desta minha vida.

Convivendo com pessoas agradáveis e hospitaleiras.

O Cláudio, de quem falei de passagem, tornou-se um ouvinte de meus “Leros”, muito atencioso, sem descuidar de sua farmácia, ouvia as minhas estórias de Troncoso, notadamente as estórias de Aníbal Vieira, o Justiceiro de Olímpia.

E seus infundáveis tiroteios na praça da matriz.

Ele nunca admitiu, mas ele viveu naquela época, eu não cheguei a ver, mas... Ouvei muita gente falar disso, e eram contemporâneos do Cláudio.

Embora eu ache que ele não acreditava muito, nas minhas estórias, mas ouvia e sorria.

Quando eu perguntava, em voz alta frente aos outros fregueses, se ele ainda fazia dentaduras, ele procurava se esconder atrás da registradora.

Era uma das minhas piadas preferidas, que remontava no meu antigo tempo de criança, e que transportava para o atual, culpando o Cláudio.

E não é que um senhor ficou interessado em fazer uma.

O Cláudio foi uma grande amizade que surgiu na minha vida, mantinha o humor de caipira, sem nunca demonstrar insatisfação pelo rumo da conversa.

Não tinha mais responsabilidade, sobre a chácara, mas sempre me orientava o que fazer com as coisas que eu encontrava “enterradas” na chácara.

E eu o culpava, - Você é o culpado desse trabalho todo, que estou tendo.

Nessa chácara plantei de tudo, montei uma verdadeira chácara, coisa que me deu grande satisfação.

Todas as espécies de frutas, ali estão plantadas e de todas, tive o prazer de colher frutos, realmente era um Paraíso aquela chácara.

Apesar de já aposentado, ainda tive oportunidade de remodelar ali, meu caráter com coisas novas que aprendi com aquela gente boníssima.

Não ia ao banco sem dar dois dedos de prosa com os caixas, ou demorava pra mais de hora para fazer uma fezinha na loto.

Não podia sair antes de “ouvir” meu amigo Edinho, contar as maneiras corretas de se portar na vida, e como era bom ser bom.

Ou sentir falta de comer taturana no bar do Tião, toda a semana, embora eu tivesse a certeza que o lanche engordava, pois o melhor de tudo era ouvir as gentilezas do Tião, sempre com frases impecáveis com todos os clientes.

Essa chácara Paraíso, me proporcionou coisas incríveis, o agradável convívio com as pessoas da velha guarda, e seus bailes mensais.

Gente despreendida que tinha somente a intenção de convívio e distração com esses bailes e até me levaram a ser Diretor de Divulgação do clube.

Muitos parentes, que não vou citar nomes, para não olvidar alguns, embora, muitos estejam presentes nas minhas crônicas.

Esse conjunto de “coisas” que eu chamei de mato, na realidade, formou uma fatia extraordinária de minha vida.

Acácio Aydar: homenageia e esclarece o que é o mato

Contos Verdadeiros

Mas... contados por pescadores mentirosos.
Publicados na Folha da Região.

A Receita para Bacalhau

Há tempos passados, lá na retificadora, o Espanhol e o Picuá, conferiam a lista para a pescaria na Cajaiba.

Conferia, conferia e o Picuá reclamava: - A gente podia pegar tudo lá em Minas e não levar esse bruto peso daqui.

- Uma lata de óleo, um quilo de feijão, sal. “Trocentas” latinhas de cerveja, um Bacalhau...Bacalhau? Interrompeu a leitura da lista o picuá. - Pra que isso?

- E uma encomenda que eu levo pro Zé Gordo, nosso cozinheiro, ele merece.

Disse o Espanhol, com cara de quem prepara alguma.

Lá foram eles, passaram em Minas, pegaram o Zé Gordo, o Zoinho, o Goiano e pé na estrada.

Na Cajaiba, lugar agradável, bom de peixe, propício para as estórias do Gordo, estava ótimo o acampamento.

Depois de algumas saídas de barco, e após um ótimo ovo frito especialidade do Zé, estavam por ali vendo o cozinheiro, somente de short e pano de prato no ombro, preparando sua ceva.

Arrumava a cadeira de praia, reforçada pelo Zé do Bumbo, preparava o molinete e jogava farelo na água.

- Ôôô “seu” Zé?...Que mistura estranha é essa sô? Perguntou Picuá.

- Ô Picuá... Fazendo ar de mistério. - É uma mistura secreta pra pegar peixe bravo.

- De que é feita?

- Eu não costumo dar a receita... Mas... Você não me conte para aquele turco contador de estórias, que ele bota no jornal. Enchendo a mão da mistura explicou.

- Você pega um balde ou um latão e faz o seguinte: Coloca 10 quilos de farelo de milho de pipoca, 1 litro de sangue de Búfalo, isso o Goiano te arruma lá em Goiás, 4 pimentas dedo de moça, picadas bem miudinhas, 2 litros de leite de cabra francesa, você acha lá em Barretos, onde tem um grande criador dessas cabras. Mistura tudo e ta pronto, mas tem uma coisa, não coloque sal de forma alguma, os peixes ficam muito bravos.

- Certa vez, lá no rio das Mortes, o Espanhol sabe, naquela curva, hein Espanhol? Onde tem aquele coqueiro, que dá aqueles coquinhos que as vacas gostam, usei essa mistura com sal, tinha me esquecido, e não levei muito tempo, ferrei um Tubarão.

- Tubarão, Exclamou o Zoinho, piscando outra vez o olho bom. - Ô Mano, lá não tem tubarão!

- Você não sabe que lá tem Boto? E Boto e Tubarão é a mesma coisa, só que Tubarão é criado com sal e eu coloquei o sal na mistura. Quando ele comeu, subiu a pressão do Bicho e não prestou! Ele virou Tubarão.

Um olhou pro outro, o Espanhol ficou olhando a ponta da bota e a conversa foi raleando.

Dentro de pouco tempo, o Gordo já dormia. Foi o bastante para o Espanhol ir até a beira do Rio, pegar a linha do Zé Gordo, “iscar” o Bacalhau que havia trazido para essa surpresa.

Preparada a armadilha, alguém gritou: Ô Zé olha a vara, tá beliscando!

Com uma rápida fisgada e ainda meio tonto, o Zé percebe o Bacalhau na ponta da linha.

- O que é isso? Perguntou o Zoinho fechando a vista direita.

- Bacalhau, né mano, num ta vendo? Respondeu o Gordo.

- Ainda bem que vocês estão aqui. Senão ninguém ia acreditar, e olha, vou dizer uma coisa pra vocês, esse não é o primeiro, já peguei uns par deles.

- Gozado... Esse peixe não tem cabeça... Resmungou o Picuá, passando a latinha no rosto, para aplacar o calor.

- Sabe o que é? Falou o Zé Gordo, com ar de quem controla a situação. Esse é o meu defeito, o Espanhol sabe, minha fisgada é muito forte, acabo sempre arrancando a cabeça dos bichinhos.

O Espanhol ficou olhando a ponta da bota.

E no dia seguinte, sem ninguém pedir, foi feito o melhor e mais apetitoso Bacalhau da Beira do Rio que já se provou.

Publiquei esse “causo” para aliviar a cabeça; minha e dos ouvintes das estórias.

Acácio Aydar

Jacaré Apositado

Há tempos tenho vontade de contar a vocês essa estória, mas receava que existisse algum candidato a político com esse apelido (Jacaré) e poderia configurar propaganda política, a exemplo do Cacareco.

Como agora não estamos em época de eleição, já não corremos o risco de sermos mal interpretados. Vou então contar esse caso verídico.

Lá pelos lados da Cajaíba, uma enorme fazenda em Mato Grosso. Ali, estava montado um acampamento de pescadores, liderados pelo Espanhol Branco e pelo Caminhão, deram-lhe esse apelido pela sua enorme força de trabalho.

Pois bem, o Caminhão levando a filmadora, recém comprada, filmava tudo o que aparecia pela frente, tentando mostrar todos os lances.

Veza ou outra esquecia a câmera ligada e mostrava as pedras pelo chão ou os bicos das botinas dos colegas, e porque não dizer, as suas também.

Mas deixando de lado essas imperícias cinematográficas, o Caminhão era especialista em colocar armadilhas para peixes, redes e anzóis de galhos.

Não tinha gente melhor para armar uma galanteia. Isso, dito por seus próprios colegas de pescarias.

Assim que colocava, repassava tudo para recolher as vítimas que de imediato levava como troféu para o acampamento.

Boa parte da madrugada e quase toda a manhã era essa faina direto e reto.

O dia estava quente, quente mesmo, alguns mosquitos ficavam aborrecendo e provocavam um abanar de mãos constante.

Caminhão abriu uma latinha e procurou um local para descanso, o Espanhol estava acomodado em sua cama de campanha, o Goiano, comerciante em Goiás, sentado em um girau deixava o tempo passar olhando as frangas que levou, desfilarem pelo rancho.

Já de algum tempo, Goiano analisava a importância das penas nas pernas das galinhas.

Frente ao fogão, um senhor gordo, somente de short, com um pano de pratos no ombro, não sei se para limpar os trens de cozinha ou se para limpar o suor que escorria pelo rosto, mexia e mexia a “Gororoba”.

Caminhão não vendo espaço para se ajeitar, levou sua rede até a barranca do rio e posicionou a rede de maneira a ficar dentro d’água e ali ficou deitado.

Deitado na rede, mas, dentro d’água. Ficou se refrescando e sorvendo lentamente a latinha.

Pronta a bóia, o Zé Gordo deu o sinal. Todos foram rangar, pois aquilo era realmente um rango.

O Espanhol, um dos primeiros que acabou, andava a passos lentos por ali, vendo se digeriria aquela coisa que tinha comido, quando espantado, disse a todos:

- Ô gente, tem um jacaré na rede do Caminhão!

Ninguém ligou, somente o Zéito arriscou um olhar.

- E num é que tem mesmo!

Essa afirmação acertou em cheio, já que o Zéito tinha respeitabilidade, todos correram.

Para que vocês me ajudem a contar a estória, imaginem um jacaré bem grande, imaginaram? Pois o jacaré era maior ainda.

Logo surgiu uma carabina e deram vários tiros no danando, alguém apareceu com um pedaço de Pau e...Pimba, bem na cabeça do coitado.

A agitação era geral, quando alguém falou:

- Vamos levar ele para o rancho.

Arrastaram o bicho inerte pelo rabo, até um terreno mais alto.

Caminhão, já mais calmo, disparou a filmar tudo.

Todos queriam aparecer na filmagem, como se fossem o responsável pelo grande feito.

O Zé Gordo falou com experiência:

- Olha, eu não tenho nada com isso, mas vou dizer uma coisa: - Se a polícia ver esse filme, vai todo mundo preso.

Quando, como se interrompesse a frase, o Jacaré mexeu o rabo e abriu a boca num bocejo.

Não ficou um. Lugar mais limpo. Sumiram todos. A filmadora caída ao chão, teimava em filmar uma chinela de dedo, que ficou abandonada com a sola para cima, enquanto, o jacaré a passos lentos, entrava novamente na água.

Entrou pelo acampamento o Picuá, que tinha ido até a sede da Fazenda Cajaiba, falar com o Alemão, o dono do lugar. E encontrou aquela desolação.

Tentava entender a coisa, falando para si mesmo. - Roubo não foi, pois está tudo aí, abaixou para desligar a filmadora e virou a sandália, pois, ele não gostava de calçado com sola para cima, achava que dava azar.

Olhou para os lados e localizou o Zoinho no alto de uma sibipiruna, escondido atrás de um Bugio.

- Que houve pessoal, exclamou a plenos pulmões.

Aos poucos foram aparecendo os pescadores.

Cada um que contava seu “causo”.

Faziam questão de enaltecer o ataque feroz do Jacaré.

Picuá, com jeito de quem sabe tudo, abriu uma latinha e esclareceu.

- Ele é o Tibúrcio, esse Jacaré sempre após o almoço, vem tirar uma soneca ai na praia.

- Mas ele estava morto, alguém lembrou.

- Nada disso: É que ele tem um sono muito pesado, além de ter um couro duro como a peste...

Crônica escrita em Olímpia, para recordar os tempos em que eu era ouvidor de mentiras de pescaria.

Acácio Aydar

Lingüiça de Capivara

Os preparativos para a pescaria já iam bem adiantados, todo o material de pesca, anzóis, linhas, galanteias, tudo estava revisado.

Os dois barcos foram cuidadosamente inspecionados e chegaram até a retocar a pintura de um deles.

Motores, combustível, tudo foi visto, quando o Nego Reco, já preocupado com a sobrevivência, disparou em viva voz.

- Vocês estão muito preocupados com toda essa tralha, mas comida que é bom ninguém vai levando, só quero ver no que vai dar isso.

- Calma Nego, Calma Nego!... Ponderou o dono do barzinho, onde os pescadores se juntavam para traçar os planos, e vez ou outra, jogar uma partidinha de bocha molhando a goela com uma branquinha.

O dono do bar, senhor com a cabeça bem grisalha, conhecido no local por Capixaba, orientava a parte de abastecimento, pois era conhecedor do assunto.

- Disso eu entendo: - Célio Reco, explica para seu pai, que comida é a ultima coisa, é perigoso estragar! - Eu sei o que estou falando...

- Vá, Vá, sô... O Eurico disse que ia trazer e até agora não apareceu! Eu estou falando por que na hora, todos querem comer. Ranheta o Nego. E não sei não, se alguém vai pescar alguma coisa.

O Tio Gonçalo, pai do Milton Lourenço, sentado na calçada acalmou a todos:

- Calma gente, o Eurico vem descendo com as compras.

Lá vinha o Eurico com um grande fardo nas costa, cruzando a Avenida XV.

Ao chegar na direção do bocha, já lançaram a velha pergunta:

- Ô... Eurico! Você é Rico ou pobre?

Com a calma que lhe era peculiar, respondia:

- Eu... Rico... Ah. Ah. Ah.

E o Eurico ficou bem conhecido como Zé Rico, talvez pelo nome ou pelo cantor famoso, o importante é que ele gostava.

O dono do bar acomodou o fardo no balcão e foi logo perguntando:

- Isso dá pra semana? - Cambada de morta fome!...

O Zé rico bateu a mão no fardo e sacramentou:

- Só falta levar o arroz e farinha, como mistura isso dá. - Tem quarenta quilos de lingüiça da Capivara.

Silêncio total.

A Bocha já tinha sido arremessada e após bater na prancha, barulho algum mais foi ouvido.

O Milton Lourenço, recém chegado de São Paulo, louco por fazer uma pescaria, tirou o boné e foi até a porta do bar olhar pra fora, quem sabe, esperando alguma coisa ruim, ele sabia que esse negocio de ecologia dava uma cana brava.

Olhou para fora, entrou e esfregou o nariz, foi até a porta, olhou de novo, entrou e olhou para o fardo.

O Nego Reco, adiantou-se e com a sinceridade conhecida, comentou:

- Eu não vou passar uma semana comendo essa desgraça, sê ta louco sô...!

- Nem eu. Arriscou o Milton Lourenço. Ainda com medo da policia, isso é muito perigoso.

- Essa lingüiça é uma delicia, eu já provei, atalhou o Valdo Barbeiro, que até agora só estava olhando. - Ô Capixaba, pede pro garoto fritar um pedaço, ela é boa mesmo!

Dito e Feito, em poucos instantes, lá estava mais de meio metro de lingüiça douradinha.

Todos olharam a bichinha como se fosse uma cobra.

O Milton Lourenço preferiu acabar com a branquinha em um só gole e foi olhar de novo a rua, aquelas neuroses de São Paulo.

- Vá, Vá... Sô... Isso é tranqueragem, eu não como essa desgraça teimava o Nego Reco.

O Zé Rico cortou um naco da guloseima e saboreou com gosto.

- Uma delícia gente, uma delícia.

Todos olharam, alguns esperavam até pelo pior.

- Se vocês querem saber, o tempero é ótimo.

- E a carne Zé Rico, ela não é perigosa?- Dizem que estoura furúnculos no corpo.

- Nada gente, coisa boa... Boa mesmo! É mista, tem 50% de carne de vaca, 30% de carne de porco e 20% de carne de frango, como pode ser perigosa.

O Célio Reco, garoto bom de matemática, pulou como cobra...

- Espera aí... Espera aí... E a Capivara?

- A Capivara é a mulher que fez a lingüiça, gente... Nada a ver... Nada a ver... Gente.

O Milton tirou o boné e passou o dedo sob o nariz...

Fiz essa Crônica em Homenagem aos pescadores que se juntavam no Bocha do Capixaba em Olímpia, para contar mentiras de pescarias e tirar o pó da garganta

Acácio Aydar

O Perigo Ecológico

Estabelecido frente à igreja da Matriz propositadamente, visto que como o padroeiro, ele também, se chama João, o barbeiro, ele só se incomodava em ficar frente ao Rui Barbosa.

Achava que a estatueta interferia em seu abençoamento pelo padroeiro.

Tanto se incomodou que um belo dia, o administrador da cidade, mudou a estátua de lugar, ficando o velho Rui a olhar para outros lados.

Que bom, sua vida estava completa, um cortinho aqui, outro cortinho ali, uma barba vez ou outra e ia levando a sua vida.

Até recentemente, ser picado pela mosca da pescaria, foi àquela paixão à primeira fisgada, nunca se ouviu o esteticista capilar falar tanto.

Sua vida se irradiou, fim de semana passado, após um período de pesadas chuvas, o nosso barbeiro aportou na beira do rio.

O rio cachoeirinha estava até cheio, após as chuvas, águas barrentas, ele notou que próximo ao rancho, uma árvore, sentindo o solapamento das águas, tombou bem frente ao poço que costumeiramente ele pescava.

Preparou sua vara telescópica, de fibra de carbono, uma vara bastante resistente, apertou a linha com nós rápidos, resmungando, a vara era boa, mas todas às vezes, ele tinha que amarrar a linha, o que não acontecia quando usava carretilha.

Fixou com vários nós. A linha foi comprada em uma casa de ferragens de Rio Preto, que lhe garantiram ser de primeira e lá foi ele.

Ao sair da varanda do rancho, notou uma latinha de refrigerante jogada sob um banco, abaixou-se para apanhá-la e resmungou alto.

- Essa molecada suja tudo!- Estão precisando de umas aulas de ecologia e meio ambiente.

Na Beira do poço, sentou-se, ajeitou a tralha ao lado, apoiou os pés na árvore caída, jogou a linha e estava iniciada a pescaria.

Após algum tempo, o olhar da ponta da vara mudou seu foco, para a outra margem do rio cachoeirinha, onde uma

saracura caminhava na lama, deixando pelo rio que baixou pouca coisa, a simetria de suas pegadas.

Inesperadamente, uma Piapara ferrou o anzol, a fisgada foi genial, e a briga prometia.

A Piapara, peixe brigão, logo correu para a galhada que ficava sob os pés de nosso João Barbeiro e correu firme, nosso pescador puxou firme também.

A linha ficou dobrada sobre o tronco da árvore e o peixe puxava e a cada puxada, correspondia a uma violenta fisgada de nosso pescador.

Muitas vezes, a vara chegava a formar um nove, tal a violência das fisgadas em uma delas, a ponta da vara quase que enrosca em seu anel.

Puxa pra lá, puxa pra cá, ficou nisso um bom tempo, até que inesperadamente, a linha cortou o tronco da árvore e também inesperadamente, surge na curva do rio um barco da florestal.

Como que avisando sua chegada, o guarda que estava na proa gritou: - Bonito, eihn, “seu Jão”!

- Viu que Piapara seu guarda? Gritou contente nosso pescador.

- Ver Piapara, eu não vi, “Seu Jão”. Mas... Eu vi o senhor desmatando a beira do rio e vou multá-lo por isso.

- Não, seu guarda, não fui eu não, foi à linha que cortou a árvore!

- Eta linhazinha boa eihn, “seu Jão”. Resmungou o guarda, puxando o talão de multa.

Nosso pescador João Barbeiro. A cada “ouvinte” que aparece, conta toda a estória e tenta achar a multa em uma de suas gavetas. Porém, não sei de alguém que tenha visto a dita multa.

Entretanto, nosso amigo jura de pé junto, que mantém até hoje a linha na caixa de ferramentas.

Agora ele está resolvido, para evitar amolação, ele só vai em **“pesque e pague”**.

Publiquei resumidamente a estória do João, para aliviar um pouco minha cabeça, pois a cada corte de cabelo, ele pegava pra mais de dez peixes. Heta pescador bão só.

Acácio Aydar

O Pescador Caçador

Na cidade existem grandes equipes de pescaria e como acontece com todas, vão aumentando, aumentando até rachar.

E no racha, inicia-se nova turma.

Foi o que aconteceu com a equipe do Espanhol e do Zé Gordo, por questões de divisão das latinhas, sobrou o Caminhão (um dos integrantes) fora da equipe.

Mas o Caminhão, experiente no assunto, logo montou a sua equipe.

Juntou o Júnior, que já estava descontente onde estava, chamou o Gessi, que sempre pedia para ir pescar e lá foram para a Cajaíba.

O dono da Cajaíba, o Alemão, não gostava muito desse negocio de receber pescadores, mas como a equipe era nova e oriunda da equipe de seus amigos, quebrou o galho; Mas, recomendou:

- Tomem cuidado que a florestal está percorrendo o rio.

O Júnior, que é Junior por parte de seu tio Gordo, já tinha participado de algumas pescarias, mas o Gessi, coitado era calouro e ficou meio espantado com essa recomendação.

E é sobre o Gessi essa nossa estória.

Não pensem que por ter esse nome, ele é herdeiro da fabrica de sabonetes, muito pelo contrario, ele é, isto sim, um grande usuário.

Em cada banho seu, gasta um sabonete, tal a quantidade de espuma que passa pelo corpo e isso ele aprendeu com o Zé Gordo, que contava sempre, essas suas peripécias sexuais.

E a pescaria dessa nova equipe, vai que vai.

O Caminhão mostrou-se grande instrutor, indicava tudo sobre tralha de pesca, tudo sobre qualidade de peixe, Porem cometeu uma falha: Nada sobre preservação da natureza e meio ambiente.

Já próximo o dia do retorno, Caminhão após várias latinhas e alguns pedaços de peixe frito, apoitava em sua rede.

O único ruído que se ouvia, era o zumbir de uma mosca sobre as espinhas do peixe.

Um tiro ecoou pela mata, logo em seguida uma gargalhada.

E Mais outros, Pôww, Rahahah... Pôww, Rahahah.

- Que diabo é isso? Saltou da rede o Caminhão.

- É o Junior brincando com um jacaré, justificou o Gessi.

O Júnior, sem ter o que fazer, atirava próximo a um jacaré para vê-lo dar voltas.

Curioso e atento a tudo, o Gessi pediu para atirar também.

Espalmou o revólver, mirou e Pôww.

Silêncio total, a bala penetrou no olho do jacaré.

Gessi ficou branco, mais branco do que era, ficando corado em seguida, rosado como uma acerola.

O Gessi notava-se, nunca tinha matado nada, ele vendia veneno pra formigas, muito a contra gosto.

- Vocês estão loucos, só fazem cagadas, nós vamos todos presos, vamos parar na cadeia. Gritava o Caminhão, dando voltas pelo rancho. - Isso dá, de um a três anos de cana, meu Deus do Céu! - Isso é crime inafiançável.

O Caminhão estava possesso, espumava levemente pelo canto da boca.

- Ô Caminhão, ajuda á gente. Quase que implorava o Gessi.

- O que a gente faz agora? Clamou novamente.

Caminhão colocou as duas mãos na cintura, encostou o lábio inferior no nariz, balançou a cabeça.

- E uma merda mesmo! - Vamos comer o rabo dele e enterrar o resto, fazer o que?

O Gessi olhou pro jacaré, olhou pro Caminhão e perguntou.

- Como vai ser isso? Não dá para ver o buraco!

- Não é comer, comer! Gessi é comer, jantar! - É uma besta mesmo, não sabe nada. Resmungava o Caminhão.

Encarregado da limpeza do animal, Gessi batia o facão na carapaça do bicho, pensava na polícia, na família, na prisão, onde seria a cadeia aqui neste fim de mundo, enfim, pensava em todas as desgraças que fossem possíveis imaginar. Quanto mais pensava, mais nervoso ficava e suave.

Como suava. Sua camisa empapada de suor chegava a pingar, prejudicando a propaganda de veneno pra laranja estampado nela.

Caminhão continuava nervoso. - Eu devia seguir o conselho do Espanhol, não devia trazer gente sem experiência pra pescaria, só da merda.

Júnior, vendo o desespero do amigo procurava ficar longe, no fundo, também tinha medo.

- Ô tio, sempre chamava o Caminhão por tio. - O Gessi vai ter um treco, o homem vai desmaiar.

Puxa vida, que pepino! Lamentava o Caminhão, - Nunca me aconteceu isso, se tivesse vindo com a Nadinho, eu pegava o avião e me mandava agora, já!

Com a ajuda do Júnior, Gessi descascou a cauda do bicho e enterraram o resto.

Júnior, que tem gosto pela cozinha, herdado do seu tio Zé Gordo, logo preparou um petisco e mais calmos, brindavam com umas latinhas o alívio que estavam sentindo.

- Ainda bem, heim Tio, não aconteceu nada grave!
Comentou o sobrinho do Zé Gordo.

- Não heim! Falou já mais calmo o Caminhão. - Esperem fazer a digestão pra sentir o cheiro que isso vai dar.

Publiquei essa crônica de tanto contarem esse crime ecológico, que eu acho que é mentira e também para anunciar a nova turma de pescaria.

Acácio Aydar

Paca, Tatu, Cotia não!

Dia destes, na arquibancada da praça de atividades folclóricas, entre uma dança e outra, ouvi sério relato de uma caçada, que se não foi chocante, pelo menos inusitada foi.

Quem dizia, com gestos breves, escolhendo palavras, era um senhor, bem fortinho, com uma vasta careca, parecendo-se com um padre e pude notar que todos o chamavam de Capivara.

O nosso capivara relatava que certa feita em uma pescaria no rio cristalino, após terem percorrido as redes armadas, subia o rio em uma canoa, ele mais seu irmão, que salvo engano chamava-se Zé. Não tinha apelido. Mas era um senhor bastante gordo que quando sentado à popa da canoa, fazia com que a proa da mesma, ficasse suspensa pra mais de metro.

A subida do rio era lenta, visto que naquele trecho a corredeira era bastante forte; A noite caía rapidamente e quando isso acontece, para evitar algum acidente, é ligado um farol a uma bateria, servindo para orientação da viagem.

Capivara, pescador e caçador experiente. Vez ou outra lançava fochos de luz para a margem na tentativa de localizar-se ou encontrar algum animal que tenha vindo beber água.

Num desses lampejos dois olhos brilharam e soltaram uma luz azulada, o instinto caçador de nosso capivara falou mais alto.

- Pára, pára Zé! Ali tem uma paca em cima da pedra.

Seu irmão tentou segurar a canoa, tirou força do motor, colocou força no motor, balançou e aprumou a canoa.

- Gueta aí, Zé, que eu mato ela.

Com uma mão segurando o farol e com a outra, a espingarda, mirou e atirou.

Novo desarranjo no barco, a correnteza e a força da espingarda tirara o barco do rumo outra vez e o que parecia impossível aconteceu, a paca estava sobre a pedra impassível.

Após nova luta, a canoa já estava em posição novamente.

Mira perfeita, farol apontado e lá vai bala, desta vez, um ricocheteio da bala na pedra, denunciou o tiro errado, coisa inacreditável, tal o gabarito do caçador, tanto que seu irmão vendo-lhe o desespero aconselhou:

- Ô capivara, você esta com frio, e para acalmá-lo deu força no motor e ordenou, - Vamos para o rancho, deixa essa coitada aí.

Questão de meia hora rio acima chegaram ao acampamento, até que com algum frio, visto que nas várias manobras da pequena embarcação, ficaram quase que totalmente molhados.

- Eu não me conformo Zé, passando a mão na calva, queixou-se o Capivara.

- Bebe esse conhaque que é para esquentar e esquecer isso.

Dito e feito, após varias talagadas do saboroso conhaque, já estavam, quase quentes, mas esquecer, esquecer jamais.

Todos acomodados, já passando da meia noite, o nosso Capivara levanta-se e cutucando o irmão que havia demorado a conciliar o sono, por ter ficado atento à uma gatinha que tinha adentrado o rancho, na esperança de comer alguma cabeça de peixe, solicita com bastante veemência.

- Ô Zé, vamos lá, que eu vou matar aquela bichinha.

- Dorme aí, meu! Num tá vendo que já é tarde.

Tanto fez, tanto fez que lá foram os dois.

Desta vez, levaram duas armas, uma cartucheira e uma carabina, Capivara era bom nas duas, segundo ele conta.

Descia o rio em silêncio para não espantar a paca e chegaram rápido, pois para baixo todo santo ajuda.

Farol ligado, ela estava lá, impassível. Nova pontaria e o tiro da cartucheira espalhou os chumbos e formou um círculo na vegetação, deixando no centro, a paca imperturbável.

- Use a carabina, Capivara, antes que ela fuja.

O pequeno barco foi manobrado e colocado em posição de tiro. Novo farol, novo tiro, agora certo.

- Finalmente! Capivara, vai lá pegar ela.

Barco encostado, rapidamente Capivara pulou ao barranco e localizou o animal.

- Desce ela, pediu o Zé Gordo.

- Ô Zé, tem um bilhete aqui!

- Bilhete! Que mané bilhete, Capivara, isso é hora de achar bilhete, homem!

- Mais tem, Zé, o que e que eu faço?

- Traga o bilhete e o bicho, uai!

O Capivara pegou o bicho pelas patas e desceu pela encosta do rio, meio que pulando meio que escorregando.

- Olha aí, Zé, num te falei!

O Zé Gordo, um senhor experiente, apontou o farolete para o papel e leu:

“Obrigado senhor caçador,
Por ter ajudado em meu suicídio.
Não suportava mais meu marido
Ele andava com outras pacas
Até com a tatu ele andou
Mas com cotia, não! Isso Não”

Um senhor já de bastante idade e traquejado de nome Joselito, que vim a saber, ser o pai de nossos heróis, percebendo que os demais poderiam se revoltar contra os pescadores, emendou novo “causo”.

Em **1927**, eu e mais dois, fomos pescar em um Ford **1929**...

Novamente os grupos folclóricos dançavam a todo o vapor, como se não fosse folclórica também a estória de nossos caçadores.

Publiquei essa crônica, para dizer que foi o João Capivara que inventou a frase “Paca,Tatu,Cotia não” aumentando ainda mais as mentiras.

Acácio Aydar

